

OS BEGUINOS, OS BEGARDOS E OS APÓSTOLOS DE CRISTO

João Ribeiro Júnior

Em meados do século XIII, logo depois da morte do "poverello" Francisco de Assis, alguns dos seus seguidores denunciaram os compromissos a que a maioria dos frades pareciam resignar-se. Aos conventuais, menos exigentes, que não desdenhavam as grandes e luxuosas residências, erigidas no centro das cidades, se opunham os amantes da solidão e da pobreza, e que consideravam a atitude daqueles uma traição ao ideal franciscano.

As tensões aumentaram quando as autoridades supremas da Ordem resolveram colocar termo nesta divergência. Alguns franciscanos, partidários da pobreza radical, se voltaram para uma nova doutrina, baseada no **Evangelho Eterno**, composto pelo monge calabrês Joaquim de Fiore (1145-1202), declarando-se os apóstolos da terceira idade da história joaquimita.

Joaquim de Fiore, cristalizando todas as correntes milenaristas e messiânicas da Idade Média, e colocando a Trindade, e não o Cristo, como até então se fizera, como centro de sua teologia da história, — interpretou a história como uma ascensão através de três estados, sendo cada um deles colocado sob a égide de uma das três pessoas da Trindade. A primeira idade, a do Pai, é a idade da servidão e do medo; a segunda, a do Filho, é a da fé e da submissão familiar; a terceira, a do Espírito Santo, é a idade do amor, da alegria, da liberdade, do repouso da humanidade (**sabbath**). Esta idade marca o apogeu da história humana; o mundo será então um vasto mosteiro povoado de monges, que, em contemplação mística, celebrarão a glória do Senhor até o dia do Juízo Final. (As idéias de Joaquim de Fiore irão aparecer nos séculos XVIII e XIX, nas obras de Lessing, Saint-Simon, Augusto Comte; e influenciarão Fichte, Hegel e Schelling).

Em fins do século XIII, esses franciscanos receberam o apoio dos frades Pedro João Olivi (1259-1298), Angelo Clareno (1247-1337) e Ubertino de Casale (1259-1328), que conseguiram reunir vários seguidores, que cumpriam o voto de pobreza evangélica, de acordo com a **Regra** de S. Francisco. Nasceu, assim, a seita dos **Beguinos** ou **Irmãos Pobres da**

Penitência da Ordem de S. Francisco de Assis. Estes dissidentes franciscanos afirmavam que Jesus e seus apóstolos eram pobres perfeitos, pois não haviam possuído nada, quer em particular quer em comum; assim, não existiria Cristianismo digno de tal nome sem uma total renúncia dos bens materiais.

Em 1315, os **Beguinos** já eram considerados suspeitos de heresia, sendo presos e queimados pela Inquisição.

O frei Pedro João Olivi escreveu um comentário sobre o **Apocalipse**, e tratados sobre a pobreza, a mendicância e as dispensas religiosas, que foram considerados heréticos pelo papa João XXII, em 1322.

No fim do século XII, na Bélgica, Países Baixos, França e Alemanha, apareceram corporações de mulheres religiosas, as **Beguinas**, que levavam uma vida apostólica em comum, sem votos, mas dentro de um sistema rigorosamente hierárquico, composto de mestras, companheiras e aprendizes, que se dedicavam à assistência aos enfermos, à educação das crianças e ao trabalho manual. De acordo com uma lenda do século XV, a corporação fora fundada por Santa Bega, filha de Pepino, o Velho; outra versão já diz que o fundador foi o pregador Laberto, o Gago (**Le Bégue**).

Tornaram-se logo suspeitas aos olhos da Inquisição, e o Concílio de Viena, de 1311, ordenou a sua supressão. Mais tarde, algumas corporações de **Beguinas** uniram-se à Ordem Terceira de S. Francisco, e a de S. Domingos.

Os **Begardos** eram uma corporação de artes e ofícios masculina, de alta religiosidade, paralela a das **Beguinas**, que surgiram nos Países Baixos, por volta de 1220. Suspeitos de heresia desapareceram no século XVI.

Outros grupos, abertamente revolucionários, se manifestaram na Itália do Norte, levando em seu programa a marcha do **joaquimismo**, como os **Apóstolos de Cristo** ou **Pseudo-Apóstolos**, que surgiram em 1260, conduzidos por Gherardo Segalelli, de Parma, queimado em 1300; e os seguidores do frei Dolcino de Novara e sua companheira Margherita, como Longino de Bergamo, Frederico de Novara, Alberto Carentino, Valderico de Brescia e outros.

Os **Apóstolos de Cristo** queriam purificar a Igreja pela força, com o fim de apressar o advento dos novos tempos. Faziam ataque aberto e direto ao papado, exigindo a limitação de seu poder. Em suas pregações, o frei Dolcino, na linguagem profética de Joaquim de Fiore, distinguia quatro etapas na história da Igreja: a primeira foi a época de Cristo e dos apóstolos (bondade, humildade, pobreza e perseguição); a segunda foi o tempo do papa Silvestre (bondade, castidade, honra e riqueza); a terceira, era a época em que ele vivia (riqueza, avareza, fornicação e soberba) e, finalmente, a quarta etapa, que era parecida com a primeira, deveria

inaugurar uma vida de perfeição evangélica, a partir dos ensinamentos de Gherardo de Segalelli.

Em 1305, o papa Clemente V (1305-1324) organizou contra os **Pseudo-Apóstolos**, como eles passaram a ser chamados, uma Cruzada, durante a qual muitos foram capturados e supliciados, inclusive o frei Dolcino e sua companheira Margherita, que foram mutilados e depois queimados, em 1307.

Em 1402 havia ainda alguns **Apóstolos de Cristo** vagando pela Europa.

Paralelamente, aos **Beguinos** e aos **Apóstolos de Cristo**, apareceu uma nova Ordem monástica, nos Apeninos: os **Franciscanos Espirituais (Fratricelli)**, que apesar de seguirem o **joaquinismo**, e lutarem por uma Igreja pura e pobre, não queriam ser confundidos com aqueles franciscanos insurretos. Eles se mantiveram, apesar da Inquisição, até meados do século XV.

A crise na Ordem franciscana não se estendeu por muito tempo; a maioria dos franciscanos insurretos declararam submissão à Igreja, e a Cristandade, através da Inquisição e do Poder Público, continuou perseguindo e queimando os hereges, enquanto as Universidades condenavam seus escritos.